

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

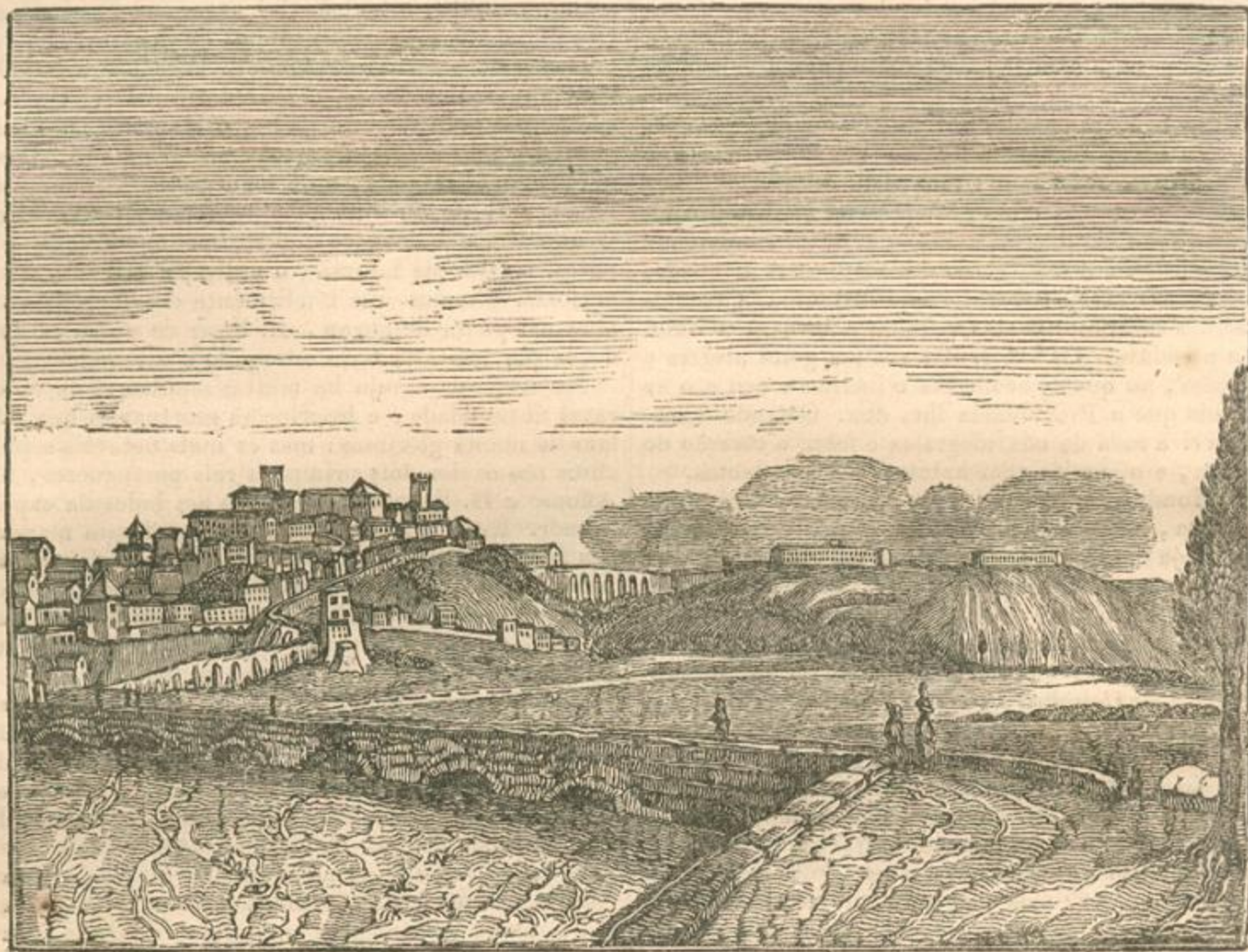
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

51)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(ABRIL 21, 1838)



VISTA DE COIMBRA.

## COIMBRA.

DEPOIS de Braga é Coimbra, em nosso entender, a mais bem assentada cidade de Portugal; e até não sabemos se a vizinhança do Mondego lhe dá a primazia sobre a antiga capital do Minho. É verdade que as sendas [o nome de estradas não o merecem] que de varias partes conduzem a Braga, acompanhadas em quasi toda a sua extensão de valles cultivados, de ribeiros delectosos, de montes selvosos, de pequenas povoações, não contrastam com o painel que descobrimos ao approximarmos-nos da cidade; em quanto as estradas que do Porto ou de Lisboa conduzem a Coimbra, cortando commummente por brenhas cerradas, descampados inferteis, pinhaes extensissimos, mas sem magestade, e povoações pobres e derramadissimas, preparam o caminhante com habitos de tristeza e de tedio, para contemplar a scena de Coimbra, que, semelhante a uma piramide esculpida, se alevanta dominadora dos seus fresquissimos e saudosos arredores, e do tranquillo Mondego, que se revolve mansamente a seus pés, como uma fita branca, lançada por meio de um tapete de verdura.

Da *Collimbria*, *Conimbrica* ou *Conimbriga* dos romanos já não existem ha seculos, senão umas gastadas ruinas, no sitio chamado Condeixa velha, a duas leguas da moderna Coimbra. Esta, fundada por Ata-

VOL. II.

ces, segundo dizem, só data do tempo da dominação dos Alanos e Suevos. Da epocha da sua fundação pertencem alguns ainda sejam as armas actuaes da cidade; mas semelhante crença tem todos os visos de fabulosa.

No tempo da invasão dos Mouros, Coimbra, como todas as demais povoações de Portugal, caiu debaixo do jugo dos conquistadores. Seguiu-se a longa lucta dos christãos com os mussulmanos: no mesmo seculo Coimbra foi resgatada; mas no seculo seguinte tornou ao poder dos infieis, até que em 1064 D. Fernando o Magno, rei de Castella e Leão, a conquistou pela ultima vez. Parece que os monges beneditinos de Loryão, que tinham tracto com os christãos da cidade, ajudaram D. Fernando a leva-la de salto, entrando pela porta da traição. — Houve aqui grande estrago de mouros, e querem affirmar que o arco de Almedina é um monumento desta victoria, dando áquella palavra a significação de *porta do sangue*; mas nem esta é a verdadeira traducção do vocabulo arabico, nem por certo o arco que existe junto á igreja de S. João d'Almedina, é de tão remota antiguidade.

Divididas as conquistas de D. Fernando entre seus filhos, guerrearam estes uns com outros por causa da herança paterna: pertencem essas guerras á historia de Hespanha. Basta saber que no tempo de D. Afonso 6.º de Leão, neto do conquistador de Coimbra, a cidade foi entregue ao conde D. Henrique



com o resto de Portugal, dado em dote da rainha D. Tareja, sua mulher. Desde este tempo até o de D. João 1.<sup>o</sup> Coimbra foi o principal assento da corte dos reis portuguezes; porque a sua posição geographica, a salubridade do clima, e a fertilidade do territorio lhe davam jus a semelhante primazia. Lisboa entretanto crescia em poder e riqueza, que lhe attraía o seu porto magnifico, propriissimo para o tracto de commercio, e nas cortes celebradas na mesma Coimbra, em tempo de D. João 1.<sup>o</sup>, os povos pediram a elrei mudasse a residencia da corte para a cidade do Tejo.

Como todas as cidades antigas, Coimbra é para ser vista de fóra; porque collocada em amphiteatro o seu prospecto é formoso: mas vista interiormente as ruas são tortuosas, e em grande parte tristes. Ha alli um cunho de decrepitude, sem haver, salvo em raros edificios, a magestade dos seculos. A bondade, porém, dos ares, a barateza do sustento, a amenidade dos campos e hortas visinhas a tornam commoda e agradável. Os habitantes são em geral alegres e folgasões, ao que os aconselha e inclina o ceu e o ar e o solo que a Providencia lhes deu. Quando a natureza ri á roda de nós, alegra-se e folga o coração do homem, e o sorriso vem habitar nos seus labios.

O Mondego que sumiu grande parte da antiga Coimbra, assentada na planicie, ao sopé do monte onde hoje campêa o principal da cidade, é o maior rio dos que nascem em Portugal. Tem as suas fontes nos altos da serra da Estrella, e correndo por mais de vinte leguas, vem metter-se no oceano juncto á villa da Figueira.— A sua pequena correnteza na proximidade de Coimbra, e o passar entre montes, cuja terra se esborôa e vem ao leito do rio com as torrentes do inverno, tem feito com que o alveo se vá alteando, de modo que nas grandes cheias os campos ficam inundados. Entrando na cidade baixa a corrente impetuosa faz notaveis estragos, deixando as casas em sitio. Felizmente estas cheias desmedidas são pouco frequentes: mas a tortuosidade do rio que contribue para que as areas fiquem retidas, fará no decurso dos tempos com que a baixa Coimbra se converta n'um areal, se a arte não souber pôr barreiras invenciveis ás irrupções das aguas.

Já desde os fins do seculo passado se trabalha por obviar a este damno certo, e aos estragos que as cheias causam nos campos de Coimbra, areando-os, e tornando-os inferteis; mas o mal não foi ainda remediado. Nos annos demasiadamente chuvosos as estacadas do encanamento são rotas e derrubadas, ficando perdido n'um dia o trabalho de uns poucos de annos, e o rio se estende como vasto mar por aquellas dilatadas campinas.

Sobre o Mondego está lançada a formosa ponte que se vê na nossa estampa, e que une a cidade com a margem esquerda do rio, dando para a estrada de Lisboa. Foi edificada por elrei D. Affonso Henriques; mas o tempo e as alluviões do rio sepultaram a primitiva fabrica. Segundo o testemunho do historiador Barros já pelo seu tempo se haviam submergido duas pontes: a que existe, obra, quasi toda, delrei D. Manuel, apesar de successivos reparos, tambem já vae tendo entulhados os primeiros e ultimos arcos, e com o andar do tempo ficará provavelmente sepultada, como as antigas, debaixo das arêas do rio.

Quem entra na cidade pela estrada do Porto vem desembocar na mais formosa rua da cidade, a *Sophia*, rua bordada quasi só de conventos, ou collegios, de diversas ordens monasticas. Estes conventos, hoje desertos, serão em breve montes de ruinas. Em Coimbra, cidade de pouco tracto, não se achará quem compre estes edificios vastissimos; e a rua

da *Sabedoria*, [*Sophia*] orlada de paredes desmoronadas, será a imagem epigrammatica do estado intellectual do nosso paiz.

Passada a *Sophia*, a primeira cousa notavel que se encontra é o velho mosteiro de Sancta Cruz, fundação do nosso D. Affonso Henriques. Da primitiva obra nada ou mui pouco resta.— Consta que o antigo mosteiro era um edificio cercado e torreado, como um castello: o templo tinha tres naves; os claustros eram tres; as cellas oitenta e quatro. Hoje é mui diverso o estado das cousas. Porventura as cellas são mais numerosas, os corredores mais elegantes, as officinas mais accommodadas, os claustros mais magnificos; mas a igreja pareceu-nos acanhada, mesquinha, mal traçada, e de máu gosto, porque a vimos depois de ter lido pomposas descripções della. O que ainda se conhece que realmente foi bom, é o portal lavrado de laçarias, e vultos, e mil invenções curiosas. Cremos que infelizmente entalharam esta obra em pedra de ançan, em lugar de pedra canto; e que por isso está tudo estragado e carcomido.

No corpo da igreja ha muitas sepulturas de veneravel antiguidade, e inscripções mortuarias que falam de nomes gloriosos: mas os mais notaveis sepulchros são os dos dois primeiros reis portuguezes, D. Affonso e D. Sancho, collocados aos lados da capella-mór. Estes monumentos preciosos foram mandados fazer por elrei D. Manuel, e ahi se conservaram intactos até o anno de 1832, em que D. Miguel os mandou arrombar, para ver o que continham: ainda no anno seguinte vimos as pedras quebradas, e os mal apagados signaes deste acto de barbaria.

As duas cousas mais importantes que havia no convento eram a livraria e o sanctuario: as preciosidades d'uma e d'outro foram levadas para a cidade do Porto. Entre os quadros que adornavam o sanctuario dizem que estava uma *transfiguração* de Rafael, e a *adoração dos reis* de Rubens. Ahi se amostrava uma espada, que se dizia ter sido de D. Affonso Henriques, e que se acha reunida á do moderno Affonso, o duque de Bragança, no museu do Porto, para onde tambem foi levada a escrivaninha e a penna com que se assignaram os decretos do concilio tridentino, monumentos curiosos doados a Sancta Cruz por D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

A quinta ou cerca de Sancta Cruz é uma das mais extensas e maravilhosas de Portugal. Descreve-la fóra impossivel na brevidade do nosso quadro. O lago é obra magnifica: mas as arvores que o rodeam, cortadas em columnas e obeliscos, são apenas um dos mil exemplos do máu gosto dos antigos jardins.

A parochia de S. Christovam, ou sé velha, é o monumento de Coimbra mais digno de attenção, porque é porventura o unico que resta em Portugal do tempo dos godos. A sua architectura não se parece, portanto, com a de outro algum edificio conhecido. As suas paredes, vistas exteriormente, assemelham-se ás de um castello; é talvez o que resta da primitiva, e um escriptor moderno se enganou inteiramente, suppondo os lavores da porta lateral do templo obra de architectos godos, quando basta ve-los para conhecer que foram lavrados no 13.<sup>o</sup> ou 14.<sup>o</sup> seculo. Posterior ainda a esta epocha é o interior da igreja.

No alto do cidade, onde estão os fundamentos do observatorio novo, começado pelo marquez de Pombal, e nunca levado a cabo, jazia o antigo castello, que foi demolido, e de que restam apenas alguns fragmentos. Este castello era celebre pela acção heroica do leal Martim de Freitas.

A universidade está onde antigamente eram os paços reaes, chamados das aleçovas; neste edificio ainda existem muitos vestigios de sua origem remota.



Nada diremos aqui ácerca desse estabelecimento litterario, que tantos homens illustres tem dado a Portugal, porque o guardamos para um artigo especial.

A sé nova era a igreja dos jesuitas: ampla, e ao primeiro aspecto magestosa, um exame mais miudo faz descobrir nella o ferrete de todos os edificios daquella ordem — máu gosto de architectura.

Muitos outros monumentos notaveis se encontram na antiga capital dos portuguezes, mas a brevidade necessaria nos veda fallar delles. Entretanto ha ahí uma cousa curiosa, de que ninguem fractou ainda, e que vale a pena de se mencionar. É esta a inquisição. Ella ainda está em pé com os seus corredores escuros, os seus carcereiros medonhos, as suas *espreitadeiras*. Ainda ahí se vê a casa dos tratos, com as paredes cheias de arranhaduras, e de manchas escuras, que porventura são de sangue! — E não se deveria conservar este monumento do fanatismo para os vindouros, a quem parecerão impossiveis os horrores que se contam ácerca da inquisição?

Nos arredores de Coimbra póde-se dizer que cada pedra, cada campo, cada bosquesinho é um monumento historico. — A fonte do Cidral e o Penedo da Saudade, quem os não conhece? — Atravessando a ponte para o lado de Lisboa, encontram-se á esquerda umas ruínas, e atraz dellas um campo cuberto de arvoredos e de hortas. Aqui houve um mosteiro illustre: este foi o de Sancta Clara, fundado por S. Isabel, e que o rio fez desaparecer. D. João 4.<sup>o</sup> edificou o novo no monte ao occidente d'onde em perspectiva se descobre a cidade.

Naquella margem do Mondego está tambem a quinta das lagrymas, e a fonte dos amores. No palacio pertencente á quinta succedeu, segundo dizem alguns, o tragico successo da morte de D. Ignez de Castro. A fonte dos amores, rica de recordações e pobre de adornos, lá corre ainda caudal para um tanque meio entulhado. Descripta por poetas, viajantes, e historiadores, callará ácerca della a nossa mal aparada penna, e só faremos um voto para que a mão do homem não derrube os ultimos cedros que a assombram, e que são testemunhas das memorias de muitos seculos.

#### NOVELLAS DE CAVALLARIA PORTUGUEZAS.

##### I

##### *Amadis de Gaula.*

AS IDEAS de honra, de valentia e de amor, que occupavam quasi exclusivamente os espiritos durante a idade media, reproduziram-se em todas as fórmas sociaes e instituções daquella brilhante epocha: o sentimento religioso traduzia-se em cruzadas ou em guerras de seitas: o do prazer em justas, torneios e caçadas, que eram imagem da guerra, ou em serões, onde os themas inexgotaveis dos trovadores eram ou amores ou armas: as leis, apesar de terem a sua principal origem no direito canonico e depois no romano, lá abriam a liça aos combates judicarios: em fim as habitações eram castellos, e os adornos dos aposentos corpos de armas pendurados, lanças, e razes, onde as mãos das donzellas tinham lavrado a historia de combates. Neste predomínio exclusivo de certas idéas, como escaparia a litteratura de ser dominada por ellas? Assim, depois das cantigas dos trovadores, vieram os *rimances* mais longos, os poemas, e as novellas de cavallaria. Era esta a litteratura daquelles seculos, nem outra podia ser: a imaginação dos poetas e novelleiros não alcançaria espraiar-se além das fórmas da sociedade de então; porque a litteratura de todas as epochas, sem exceptuar a nossa, não é mais do que um echo harmonioso, ou um reflexo esplendente das

idéas capitaes, que vogam em qualquer dellas. As aventuras, os amores, os feitos de armas dos heroes do Boiardo eram a imagem, vista atravez de um prisma, dos homens do 15.<sup>o</sup> seculo: a ancia de liberdade descomedida, a misantropia, os crimes, a incredulidade dos monstros de Byron são o transumpto medonho e sublime deste seculo de exaggerações e de renovação social.

O prazo durante o qual os portuguezes tocaram a meta do espirito cavalleiroso, e o conservaram em toda a pureza e vigor, prolongou-se por obra de um seculo, desde os ultimos annos do reinado d'elrei D. Fernando até o d'elrei D. Affonso 5.<sup>o</sup> Antes desse tempo nossos avós eram demasiado rudes para conceberem e reduzirem a inteira practica a concepção immensamente bella da cavallaria; depois d'elle, eram muito *cidadãos* para serem cavalleiros. D. Alvaro Vaz d'Almada caído morto na batalha de Alfarroubeira era o symbolo da cavallaria expirando nas paginas da ordenação affonsina. Nesta compilação indigesta e essencialmente contradictoria da legislação de tres seculos, não bastava o ser inserido o velho regimento de guerra portuguez, emendado por juriconsultos, para salvar da morte a cavallaria, que outras disposições desse codigo indirectamente assassinavam. Nisto como em quasi tudo o mais, das actas das cortes portuguezas anteriores a D. João 2.<sup>o</sup> e da ordenação affonsina se póde extrair toda a substancia philosophica da historia dos primeiros tres seculos da monarchia.

Se o espirito puro de cavallaria dominou tão largo periodo, os *cavalleiros-modelos* [permitta-se-nos a expressão] foram só os que se crearam na corte de D. João 1.<sup>o</sup>; e a poetica ficção dos Doze de Inglaterra pinta a epocha em que se diz succedera essa aventura. Cavalleiros andantes portuguezes houve-os nos seculos anteriores; mas a cortesia, a louçainha, e a galantaria que caracterisam a verdadeira cavallaria só as mostra a nossa historia nos guerreiros indomaveis, que na batalha de Aljubarrota formavam o esquadrão brilhante chamado a *Ala dos Namorados*: eram estes guerreiros que faziam aquelles *votos denodados*, em demanda de cuja execução muitas vezes perdiam a vida: eram estes que, percorrendo pelas terras estrangeiras, ahí deixavam perenne memoria de seus esforçados feitos.

Foi na luzida côrte do mestre de Aviz onde achou a cavallaria de toda a Europa o seu Homero, em Vasco de Lobeira. Como antes daquelle houve poetas, assim antes deste houve romancistas; como Homero eclipsou a memoria dos cantos de seus antecessores, assim Lobeira fez esquecer as mal tecidas invensões dos mais antigos novelleiros, e o Amadis de Gaula é a primeira e principal novella no extensissimo catalogo dos contos de cavallaria.

Poucas memorias nos restam ácerca de Vasco de Lobeira. Sabe-se que foi natural do Porto, e armado cavalleiro por D. João 1.<sup>o</sup> antes de começar a batalha de Aljubarrota. Viveu a maior parte da sua vida em Elvas, e morreu em 1403.

Escrepto muito antes da invenção da imprensa, o Amadis correu manuscripto até o tempo de D. João 5.<sup>o</sup>; porque os nossos antepassados nunca tiveram a curiosidade de o imprimir. Foram assim escaecendo as copias d'elle, e nos ultimos tempos se havia tornado tão raro que apenas se lhes conhecia um ou dois exemplares. O conde da Ericeira, testemunha acima de toda a excepção, o viu, e o abbade Barbosa diz que o proprio original estava na livraria dos duques de Aveiro. O fatal terremoto de 1755 fez desaparecer este monumento precioso da nossa litteratura, e tudo nos incita hoje a crer que se perdeu para sempre.

Mas, se já não existe o original, existem as ver-



sões delle, ainda que alteradas pelos traductores. Traduzido em hespanhol se publicou em Sevilha em 1510. Vimos esta traducção, de que ha um exemplar na bibliotheca publica da cidade do Porto: e bem sentimos não ter tomado della varias notas, que de grande utilidade nos fôram para o que vamos dizer. Lemos ultimamente a edição de Garciondonez de Montalvo, impressa tambem em Sevilha, em 1526, da qual nenhum bibliographo, que nós conheçamos, faz menção. Segundo o abbade Barbosa as edições do Amadis, vertido em hespanhol, se repetiram em 1539, 1576, e 1588.

Esta novella tambem appareceu em 1540, traduzida em francez e accrescentada por Nicoláu de Herberay: em 1583 a publicaram os allemães na sua lingua; e Bernardo Tasso, pae do grande Tasso, a reduziu a italiano quasi por esse mesmo tempo, fazendo um poema riquissimo de versos pomposos, e . . . de dormideiras. Esta acceitação unanime das diversas nações é o maior elogio que se podia fazer á obra do nosso Lobeira.

O Amadis, como hoje o conhecemos, na antiga versão hespanhola, consta de quatro livros: o ultimo dos quaes foi grandemente alterado por Garciondonez, segundo elle mesmo diz. "Corrigi [são palavras do prologo] estes tres livros do Amadis, que por culpa dos máus escriptores ou compositores mui corruptos e viciados se liam, e *trasladei* e emmendei o livro 4.<sup>o</sup>. Estes quatro livros, traduzidos tambem em francez, foram continuados por diversos auctores, constando hoje a obra de vinte e quatro.

Sendo impossivel dar uma idéa do Amadis de Gaula, têa immensa de aventuras, que ao modo das do Ariosto formam um labyrintho inextricavel, buscaremos ao menos dar a conhecer o tempo e o lugar da acção, e o seu principal actor, com a brevidade a que nos constringem os limites do Panorama.

A epocha escolhida pelos romancistas de cavallarias para nella collocarem os seus heroes fabulosos é indeterminada em todas as novellas. A do Amadis, ainda que bastante incerta, é menos vaga. O heroe viveu muito antes do celebre Arthur ou Artus rei de Inglaterra; mas já quando este paiz e o de França eram christãos. Segundo isto, que se lê no 1.<sup>o</sup> capitulo do Amadis, este guerreiro floresceu no 6.<sup>o</sup> ou 7.<sup>o</sup> seculo; e como a maior parte dos romances de cavallaria, que ainda existem, versam sobre a vida dos seus imaginarios descendentes, podemos tambem para elles estabelecer, ainda que imperfeitamente, uma especie de chronologia.

O theatro em que se passam as aventuras de Amadis de Gaula, é um theatro quasi tamanho como o mundo conhecido no tempo de D. João 1.<sup>o</sup> O heroe e os mais cavalleiros seus contemporaneos crusavam mares extensos, peregrinavam centenas de leguas, com a mesma rapidez e facilidade com que nós fazemos visitas dentro de Lisboa: esta commodidade aproveitaram-na todos os novelleiros que vieram depois de Lobeira; e para as distancias que seria incrível fazer correr em curtissimo praso a um cavalleiro, lá estavam as magas e os encantadores, especie de espada de Alexandre, que o escriptor sempre tinha á mão para cortar todos os nós gordios que embarçavam as suas narrações.

Não nos cabendo neste logar tudo o que temos de dizer ácerca do Amadis, o deixaremos para segundo artigo, continuando nos subseqüentes com a historia das outras novellas de cavallaria portuguezas.

#### ORIGEM DA PALAVRA SALOIO.

QUANDO D. Affonso Henriques conquistou Lisboa aos

mouros, por não despovoar a terra, deixou-os ficar de posse de seus bens e casas, impondo-lhes certos tributos. Este beneficio e tolerancia, que a politica e a humanidade aconselhavam, se estendeu aos logares circumvisinhos da cidade. Esta foi logo augmentando em população christã, que em si absorveu a raça mourisca pelo decurso dos tempos, o que não era tão facil no campo. Dizem que a estes mouros dos arredores davam antigamente o nome de *Çaloyos* ou *Salaios*, tirado do titulo da resa que repetem cinco vezes no dia, chamada *çala*. Ficou subsistindo o nome, ainda depois de povoados esses logares por christãos; e talvez da mesma origem proviesse um antigo tributo que se pagava do pão cosido em Lisboa e seu termo, e que era conhecido pela denominação de *çalayo*.

#### A CATARACTA DO NIAGARA.

E' ESTA a mais formosa catadupa do mundo conhecido. — Forma-a o rio Niagara, que vem do lago Erié desaguar no Ontario. Obra de nove milhas distante delle jaz a cataracta, cuja altura a prumo será de 200 pés. Mas o que contribue para a fazer violentissima é, que desde o lago Erié, traz o rio grande pendor, por caminho de seis leguas; de modo que no momento da queda, já o rio é um mar impetuoso, que, dividido em cem mil torrentes, se atropella á entrada ampla de um abysmo. Divide-se a cataracta em dois braços, curvando-se á semelhança de uma ferradura de quasi meia-milha de circuito. Entre as duas catadupas, altea-se um desmesurado rochedo, carcomido por baixo, e pendurado sobre aquelle inferno de ondas, com todos os abetos que o coroam. O volume das aguas, que se despenham da banda do poente, se arquea e curva como um vasto cilindro, ao desabar do alto; depois se estira e rarea como um lençol de geada, scintillando ao sol com todas as cores do prisma: as que jorram da banda do norte, caem, como uma columna das aguas do diluvio, n'uma escuridão medonha. Arcos-iris sem conto se torcem e cruzam sobre aquella barroca altissima, cujos roncões vão reboando por 60 leguas ao redor. A torrente, batendo nas fragas já abaladas, espirra em redemoinhos escumosos que, sobresaindo ás selvas, afiguram o fumo espesso de extensa queimada. Penedros descompassadamente grandes, talhados por modo de phantasmas, adereçam esta sublime scena: nogueiras bravias, vestidas de certa cortiça arruivada, lá vão vivendo enfezadas sobre esses esqueletos fosseis. Por aquelles sitios não ha folego vivo, salvo as aguias, que, pairando por cima da cataracta, onde vem prear, são arrebatadas pela correnteza do ar, e constringidas a baquearem, volteando, no fundo do abysmo. Só algum *carcajú* mosqueado, enlaçando a comprida cauda á ponta de tronco vergado, forceja por se apossar dos restos dos cadaveres de alces e ursos, que a resaca deixa na margem; e as cobras de cascavel fazem retinir de todas as partes o seu ruído sinistro. — *Chauteaubriand. Souvenirs d'Amerique.*

#### CALCUTTA?

##### *Estado das ultimas classes da população.*

CUIDAM tão pouco na conservação dos canaes nos arbaldes de Calcuttá que não póde a agua escoar livremente por elles, e o ar não circula com liberdade pelo meio dos numerosos jardins, que tambem estão cheios de aguas estagnadas, onde as folhas das arvores, e outras substancias vegetaes, não tardam em produzir, pela sua decomposição, a *malaria*, e causar febres. Poucos ar.ifices e camponezes habitantes dos



suburbios resistem á sua acção, e até as pessoas de classes elevadas são frequentes vezes atacadas por estas doenças, que fazem grande numero de victimas. Aquelles que não podem preservar-se da malária, usando de vestidos proprios para esse fim, e dormindo em camas levantadas do chão, e que se veem obrigados a comer só vegetaes, a dormir sobre a terra humida, e a andar continuamente com a cabeça e as pernas descubertas, são sempre atacados com preferencia.

Acode a Calcuttá, de diferentes partes de Bengala, uma multidão de indios, para pedirem esmola, ou darem-se a diversos traficos. Se contam alguns conhecidos entre os artifices e a gente das ultimas classes, moram e vivem com elles, ou quando não habitam em miseraveis choupanas, ou em casas velhas, cujo aluguel é mui modico, e onde privados de cama e de lençoes, lhes é força deitarem-se quasi nus sobre esteiras ou folhas com que cobrem o chão humido das suas terreas habitações. Na estação do estio dormem ao relento na beira das ruas, expostos a todas as variações da atmospherá.

Quando adoecem de febre ou de cholera, ninguem lhes serve de enfermeiro; não podem exigir os soccorros da arte, e nem sequer obter as roupas e remedios de que o seu estado necessita. A molestia livre de todo o obstaculo, em tão criticas circumstancias e em tão completa penuria, corre á redea solta, e os entes infelizes, a cargo de quem se acha o doente, ou em cujas casas mora, vendo o perigo, vão ter com um *blinden* [doutor indio] para que lhe receite algum remedio; e como então já não é tempo de tractar o doente conforme demanda a sua situação, alugam uma barquinha afim de o transportarem para casa de algum parente seu, que more no campo. Porém como a fraqueza do doente, e os abalos que soffre até chegar ao batel lhe aggravam muito a doença, os barqueiros o largam as mais das vezes nas margens do rio, onde dentro em pouco expira, se é que antes d'isso o não devoram os animaes ferozes. Outra maneira de se desfazerem destes desvalidos, frequentissimas vezes empregada em Calcuttá, consiste em leva-los ás margens do rio, e alli são entregues a um homem pago para guarda-los até que morram. De ordinario é preferido este ultimo methodo, porque causa menos incommodo e despeza, e tambem porque se conforma com a crença religiosa dos indios, segundo a qual, o enfermo que perdeu as esperanças de sarar deve ir morrer juncto do rio sagrado. Aquelle que deixasse fallecer um doente na sua cabana, e depois lançasse o cadaver ao rio seria considerado reu d'uma acção infame, e ao mesmo tempo cruel para com o defuncto e os seus parentes; porém se o deixar expirar nas margens do Ganges, a certeza de que se lhe fez *tudo quanto se lhe podia fazer* consolará a sua familia e amigos. Suppoem em tal caso que todos os soccorros e medicamentos, de que um moribundo carece, lhe foram administrados, e ninguem suspeita que quem o hospedára se apossou do que lhe pertencia; porque quando o doente morre dentro de casa, tem direito a policia de entrar n'ella, quer seja para verificar a causa da morte, quer seja para examinar se o fallecido deixou alguma herança; e mau é que os da policia cheguem a entrar em qualquer parte, porque depois é mister grande trabalho e despeza para os deitar fóra.

ANTIGAS FÓRMAS DE CONVOCAÇÃO DOS JUIZES,  
DAS AUDIENCIAS, DAS PROVAS  
E DAS SENTENÇAS.

PARA convocarem os juizes faziam antigamente na Hollanda girar uma aldraba ou argola de porta: o

juiz a mandava levar á herdade d'um visinho, este á de outro, e assim por diante.

O homem chamado pela justiça, diz a lei allemã, se estiver á mesa não deve demorar-se nem para limpar a faca.

A assembléa de justiça reunia-se no centro d'um lago, no meio d'uma ponte, ás portas da cidade, nas alpendradas das egrejas, debaixo do ulmeiro ou do carvalho feudal, dentro d'um circulo de pedras, diante d'um pilriteiro, ou no meio do cemiterio. Em epocha muito mais recente é que edificaram casas para semelhante fim.

O sol abria e fechava a audiencia; muitas vezes punham em frente do tribunal uma manopla, uma espada, uma corda, tesouras, um martello e uma se-gure.

Quando se havia perpetrado um assassinio de punham o cadaver nove passos distante do tribunal; iam-no depois approximando tres passos de cada vez. Este costume era tirado do deuteronomio.

Sabidas são as próvas com que os accusados eram admittidos a justificar-se e os litigantes a provar os seus direitos. Todos os povos as usaram, e nas Indias havia nove, incluindo o veneno no numero d'ellas. Os judeus tinham a prova da agua amarga que o accusado devia beber. No Thibet fazia-se a próva desta maneira. Lançavam dentro d'agua a ferver uma pedra branca e outra negra; as duas partes mettiam na agua os braços ao mesmo tempo, e vencia a que tirava a pedra branca.

Os accusados justificavam-se muitas vezes por meio de juramento. Outras vezes era admittido em juizo o testemunho de animaes. "Se um homem que vive só, e seus servos, for atacado, depois da *Ave-Maria*, por um assassino, e conseguir matar o facinoroso, arrancar á tres folhinhas do seu telhado de colmo, irá buscar o seu cão ou a gata á fornalha, ou o gallo ao poleiro, leva-los-ha á presença do juiz, jurará, e será declarado innocente." [João de Muller].

Depois da sentença, a pena. Nas leis germanicas a pena é a composição ou compensação. Eis-aqui alguns exemplos antigos e esquipaticos. Um dono de casa possui um cão, alguém por malignidade lhe dá a morte, qual será a composição? Pegar-se-ha no cão morto, pelo rabo, de sorte que o focinho do animal toque no chão, e nesta posição espalhará sobre elle o assassino trigo vermelho até cubri-lo; e esta será a composição. Se alguém matar ou furtar o gato que guarda um celeiro, suspenda-se o gato no ar pelo rabo, de modo que a cabeça toque em terra lisa e limpa, e depois espalhem-se sobre elle grãos de trigo até ficar cuberto.

JUSTIÇA DE D PEDRO 1.º

ESTE rei era severo de mais contra os criminosos, e delle se contam muitos actos, que, se provam a sua justiça, mostram tambem grande crueldade de animo. A par dos castigos excessivos e violentos que dava, alguns apparecem engraçados. Destes é o seguinte que transcrevemos do nosso historiador Duarte Nunes do Leão.

"Na comarca de Entre Douro e Minho dizem que havia um fidalgo senhor de vassallos, e sabendo que um lavrador, seu subdito, tinha duas ou tres taças de prata, lhas pediu emprestadas para uma festa. A qual acabada, porque o fidalgo lhas não tornava, o lavrador lhas pediu humildemente. E vendo-se elle importunado do lavrador, o mandou espancar e lhe disse muitas injurias. O lavrador se foi a elrei, e se queixou daquella sem razão. Elrei lhe mandou, que se não fosse da côrte, e que comesse e folgasse, que



seu esmoler lhe daria o necessario; e logo escreveu ao fidalgo, que, sob pena de caso maior, dentro de um breve termo, fosse em sua côrte. O fidalgo veio; e querendo beijar a mão a elrei, elle lha não deu, de que ficou assaz triste, e com temor de algum aspero castigo. Outro dia commettendo outra vez a lhe beijar a mão, elrei fez outro tanto. Finalmente assim o trouxe desfavorecido um anno, sem o querer ver. Acabado o anno lhe disse que fosse ao esmoler, que elle lhe diria o para que era chamado. Indo a casa do esmoler, elle lhe disse, que era necessario, para seu final despacho, mandar vir alli sua prata; que o havia assim elrei por bem: a qual logo mandou vir. E sendo junctos o fidalgo e o lavrador em casa do esmoler; perguntou ao lavrador quanta era sua prata, e por cada um marco mandou-lhe dar nove, que era a pena que antigamente se dava aos ladrões, que pagavam anoveado o que furtavam. E assim lhe mandou dar o que o lavrador comeu aquelle anno, andando na côrte. E tomando o esmoler ao lavrador pela mão o entregou ao fidalgo, dizendo que elrei lho havia por entregue, e o desse vivo e são cada vez que lho elle pedisse. E volvendo-se para o lavrador lhe disse, que elrei jurava pelos ossos de seu pae, que se daquelle dinheiro tornava alguma coisa ao fidalgo, que o havia de mandar enforcar. E assim castigou ao fidalgo pelos termos que elle vexou o lavrador.

#### BASILICAS.

A DENOMINAÇÃO de *basilica* dada a certas egrejas provém de serem esses templos pertencentes ao rei, da palavra grega *basileos*, que significa rei. Em tempos remotos, basilica era o nome que se dava aos palacios reaes, e depois a todas as egrejas de fundação regia. — Na idade media tinham o nome de basilicas só as egrejas de frades; depois passaram a da-lo a algumas cathedraes; talvez porque os conegos nesses tempos viviam em claustro como os monges. Entre nós ha exemplos de tudo isto na basilica de Sancta Maria, da Patriarchal e de Mafra.

#### OIRO DAS MINAS DO BRASIL.

DA OBRA allemaã do Sr. Barão de Eschwege, publicada em Berlin em 1833, com o titulo de *Pluto Brasiliensis*, extraímos a noticia que vamos dar. O credito que merece tal obra, escripta por um auctor de reputação europea, e que por muitos annos foi encarregado da administração das minas no Brasil, assegura a exacção dos factos que transcrevemos.

A porção de ouro tirado da provincia de Minas Geraes desde 1700 até 1820 orça por 35:687 arrobas. O que se extraíu da provincia de Goyaz desde 1720 até 1730 montou a 9212 arrobas: o das minas de Matto-Grosso, desde 1721 até 1820, sobe a 3107 arrobas; e o da provincia de S. Paulo, desde 1600 até 1820, a 4650 arrobas.

Accrescentando a este espantoso peso de ouro o extraviado por contrabando, o confiscado &c. calcula-se o total do ouro, tirado das minas do Brasil desde 1600 até 1820, em 63417 arrobas, no valor de 974329040 cruzados ou 390931616000 réis.

Tendo sido este calculo feito pelo valor do quinto, que se pagava á corôa, vê-se que este montou a perto de 162 milhões de crusados. “Quasi um terço dessa somma, prosegue o auctor, se gastou na grande obra do convento de Mafra; uma porção ainda maior se escoou para Roma, a fim de se comprar a honra de haver uma patriarchal; outra diminuta porção serviu

para reparar as ruinas causadas pelo terremoto de 1755, e só o resto se despendeu nos tempos mais recentes em supprir as despezas do estado.”

#### NOBRE VINGANÇA D'UMA INJURIA.

VIVIA na côrte do imperador de Trebisonda um genovez chamado Mégollo Leerari, a quem o monarcha dava grande consideração. Estando um dia este Mégollo a jogar o xadrez com um moço, de costumes devassos, mas que possuia a privança do imperador, enfurecendo-se o valido, deu uma bofetada no genovez, que foi preso quando ía immediatamente a vingar-se da affronta recebida, e pedindo justiça, não foi attendido. Ainda mais estimulado por esta repulsa que pela injuria que soffrera, voltou á patria, onde com o auxilio dos seus parentes equipou duas embarcações, com que foi demandar as costas de Trebisonda. Saltou em terra, perseguiu os habitantes, e cortou o nariz e as orelhas de quantos encontrou. Caíram-lhe nas mãos um velho com dois filhos, que deviam esperar ser tractados como muitos dos seus compatricios o haviam sido. Todavia o velho anima-se a tentar aplacar Mégollo, e lançando-se-lhes aos pés, lhe supplica que nelle sacie toda a vingança, mas que poupe os seus dois filhos. Mégollo, que não era insensível, commoveu-se, levantou-o, e prometteu perdoar-lhe. Enviou-o ao imperador com um barril cheio de narizes salgados, e incumbiu-o de lhe dizer, que não cessaria de infestar os mares que banham aquelle imperio, em quanto o monarcha lhe não entregasse o valido. O imperador, depois de grande hesitação, consentiu no que pedia Mégollo, e mandou-lhe o manco, carregado de grilhões, que se lhe lançou de joelhos, dizendo: “Puni-me, que bem o mereci. Não vos peço a vida, mas seja ao menos a morte breve, e sem tormentos.” Está lavada a injuria, lhe respondeu Mégollo: podendo castigar-te, desprezo-te, e perdoo-te, para que fiques sabendo por experiencia propria, que um homem corajoso nunca se vinga de uma mulher.

#### ARMAS DE FOGO.

REINA a mais completa incerteza a respeito da invenção das armas de fogo. Dizem geralmente que o frade Bertholdo Schwart de Fribourg inventara a polvora em 1350, e todavia o estabelecimento da fundição de artilharia na França data do anno 1338, segundo consta de documentos authenticos. Outros querem que Constantino Anethzen de Fribourg, inventasse a artilharia em 1330, e nem falta quem pretenda que fosse inventada em 1436, posto seja comprovado que os inglezes a empregaram na batalha de Creci, em 1436, e que os mouros della se haviam servido em 1341, no cerco de Algesiro.

As peças de artilharia se deu ao principio o nome de bombardas por causa do estrondo que fazem. As primeiras peças eram de madeira com arcos de ferro, depois as fabricaram deste metal, que sendo muito sujeito a rachar, foi substituido pelo bronze. A principal modificação feita nas peças de artilharia desde a sua invenção, diz respeito ás peças das embarcações que se carregam pela culatra. Este aperfeiçoamento foi introduzido em 1819 por Mr. Diamanti de Roma. Uma invenção mais recente ainda é a de Mr. Paixhans, que imaginou enormes caronadas, destinadas a lançar bombas horisontalmente.

A espingarda, que succedeu ao arcabuz e ao mosquete, foi inventada pelos francezes em 1630, mas o exercito só começou a servir-se della em 1704. Tem-



se feito nos nossos dias numerosos aperfeiçoamentos, assim nas espingardas de munição, como nas de caça. Citaremos os *fechos de bomba* ou *fulminantes*, inventados na Inglaterra por Manson, e aperfeiçoados na França por Mr. Page, e que hoje são geralmente usados. A escorva é um pó fulminante, contido n'uma capsula de cobre, o qual detona por meio d'uma simples percussão [1810]. Este principio soffreu depois diversas modificações. Deve-se a Mr. Henri uma espingarda que póde dar quatorze tiros seguidos, sem carecer de nova carga, e que não exige mais tempo para levar as quatorze cargas do que aquelle que é preciso para carregar uma espingarda ordinaria [1818]. Mr. Pauly é o inventor d'uma espingarda que alcança o dobro das ordinarias, que não obriga o soldado a levar a arma ao lado esquerdo para carrega-la, e que dá dois tiros por minuto [1819]. Finalmente Mr. Page inventou em 1819 uma espingarda de quatro tiros.

A' vista de taes resultados ainda não estará resolvido o problema, que, segundo Filangiéri, já no seu tempo com tanto empenho se procurava resolver: — Achar a maneira de matar a maior quantidade de homens no menos tempo possível?

Antigamente vendiam-se por alto preço os canos de espingardas fabricados em Portugal, por artistas de fama, e ainda hoje, apesar da barateza das armas que vem de fóra, ha quem dê grande estimação áquelles monumentos da perfeição com que entre nós se fabricavam semelhantes objectos; pelo que não será para desagradecer o ensinarmos os signaes por onde se conhecem as produções de alguns mestres antigos de grande reputação.

*Caixeyro*, de Evora, poz por marca *CR*, e no meio uma palma.

*Cordeyro*, de Villa-Viçosa, usou de um cordeiro com a bandeira, e o seu nome em letras de prata, com uns *OO*.

*Coelho*, o Velho de Moura, poz um coelho, e com letras de prata — *Jesus Maria*.

*Coelho*, seu filho, da mesma terra, usou de igual marca.

*Bonifacio Ribeiro*, de Vizeu, poz as letras *B. R.*

*Pegas*, de Monte-Mór o novo, poz um *P* abraçando o cano e o rabo da culatra, e cingido em roda de quatro *OOOO*, tudo de prata.

*Manuel Gonçalves*, de Santarém, poz uma palma e as letras *M. G.*

*Domingos Mendes*, seu filho, da mesma terra, usou das mesmas letras com uma coroa.

*Serrão*, de Santarem, poz a firma *M. S.*

*Simão Barreiros*, poz um leão, e em letras de prata a era, com estrellas de tres pontas.

*Francisco Antunes*, idem, duas aguias unidas em um só corpo, com duas cabeças.

*Marcos Antunes*, seu irmão, usou de um gallo.

*Luiz Mendes*, tambem de Lisboa, poz o seu nome.

*Antonio Francisco*, idem, um carvalho com a firma *A. F.*

*Antonio de Oliveira*, o seu nome por extenso.

Os tres irmãos, quando unidos, usavam ao principio de um coração com a marca *M*, mas separados usaram:

*Manuel Antonio*, o seu nome com quatro estrellas de quatro pontas.

*João Rodrigues*, do seu nome, tendo por timbre um elephante, e quatro flores de lis.

*José Francisco*, das mesmas flores e o sol por timbre.

Depois vieram os dois ultimos a usar dos emblemas acima mencionados, substituidas por tres setas as quatro flores de lis, de cima do nome de José

Francisco, e cingindo as divisas dos dois irmãos uma fita com a legenda: *Duo in carne una*.

#### CASTIGO DAS MULHERES QUE ESPANCAM OS MARIDOS, EM ALGUNS LOGARES DA FRANÇA.

ENCONTRAMOS um dia em Gap um homem montado em um burro, com a cara voltada para a cauda, que lhe servia de redea, e inteiramente embugado n'um capote. Levava consigo dois escudeiros, cubertos de collares de machos guarnecidos de cascaveis: precedia-o um homem tocando uma trombeta, e cercava-o grande numero de artifices, uns cantando, outros dando gritos. Julgámos estar vendo a festa de algum deus pagão, porém era simplesmente um homem que levavam de passeio por entre as apupadas do povo, por ser o visinho mais proximo d'outro que se deixára espancar por sua mulher. Paravam nas esquinas das praças, onde, depois de um pregão, desembuçavam os dois escudeiros o heroe da festa, que lia em voz alta um cartaz em que a aventura tragi-comica era narrada em estylo burlesco. “Esta gente não tem juizo, nos disse um habitante de Saint-Julien-en-Champ-saur. Lá na nossa terra castiga-se o culpado, e a mulher que dá no marido é que sáe a passeio no burro, pela aldéa, com a cara virada para o rabo. Obrigam-a a beber vinho, e limpam-lhe os beiços com a cauda do jumento. — *O barão de la Doucette, Descrição dos Altos-Alpes.*”

#### D. JOÃO 2.º E O CLERO.

DEPOIS da morte do principe D. Affonso, filho de D. João 2.º, vendo-se este sem outra descendencia, que assegurasse a successão da corôa, e temendo que os reis de Castella, por sua morte, pertendessem appossar-se do reino, determinou deixar este aparelhado para se poder defender em caso de guerra. Consistia naquelle tempo, como em outro logar dissemos, o principal nervo do exercito na cavallaria; e por isso a primeira coisa em que elrei proveu foi em promover a creação de bons cavallos por todo o reino. Era então mui de moda cavalgar em mulas, e facas, até nos grandes apparatus e festas publicas. Sobre tudo entre os ecclesiasticos este uso era frequentissimo; e com razão; porque só a firmesa dos muares era capaz de transportar um reverendo abbade ou prior daquelles tempos felizes. Querendo pois elrei que tal moda acabasse, para que todos houvessem de ter bons cavallos, prohibiu o uso das bestas muares, ácerca da qual prohibição succedeu a seguinte anecdota, que transcreveremos da chronica deste rei, escripta por Garcia de Resende. Damo-la pelas proprias palavras deste escriptor singelo, cujo estylo está cheio daquella *naiveté* ou chanesa e ingenuidade, que os francezes tanto louvam e apreciam nos seus antigos Froissart e Villoison.

“Neste tempo, porque elrei sempre provia as coisas antes de haver necessidade dellas, e vendo que a liança de Castella com a morte do principe ficava desatada, por cima de muita paz e amisade que tinham, defendeu que em todos seus reinos não houvesse mula de sella, nem besta que não fosse de marca; não quiz que prelados, nem outro nenhum clerigo, podessem andar nellas. E porque muitos abbades e clerigos abastados d'Entre Douro e Minho, e de Traz-los-montes mandaram requerimentos a elrei, que lhes guardasse os privilegios da egreja; e que não lhes defendessem mulas, senão que apellariam para o papa, e mandariam sobre isso a Roma; como lhe



nisso tocaram, disse, que elle não queria entender na jurisdicção da egreja: que as tivessem muito embora: que elle fazia o que por sua jurisdicção e poder podia fazer. E mandou logo apergoar em todos seus reinos, que qualquer ferrador ou homem que ferrasse mula de sella que morresse por isso; e nunca com isto quiz dispensar com ninguem. Por onde os clérigos, sem terem com que ir, nem mandar ao papa, deixaram as mulas, e em vida d'elrei nunca as mais houve."

O homem mais perfeito é aquelle que mais util é aos seus irmãos. — *Alcorão.*

#### A VIRTUDE E A SCIENCIA.

Os bons estudos não são ornamento de todos os que nas universidades florentissimas de mestres doutissimos aprendem philosophia, e se empregam no estudo das sciencias, mas sómente daquelles que são dotados de bom ingenho para as letras, e boa inclinação para o exercicio das virtudes. Como as vestes preciosas carregadas de ouro e margaritas, e as joias de rico feitio e singular valor, accomodadas ao uso e culto de alguma bella donzela, afermosentam e ornam em grande maneira; e quando se applicam ao ornato de uma disforme mulher, ficam tão longe de encobrir e dar côr á sua deformidade, que a fazem mais manifesta e evidente: assim as boas e excellentes artes cultivam os ingenhos claros, ataviam o animo com seus ornamentos; mas quando vão dar em máus vasos, em peitos e animos impuros e depravados, havendo-os de illustrar e ornar, mostram mais claramente aos olhos de todos sua torpeza e indignidade. — *Amador Arraes.*

#### EPITAPHIO DE FRANKLIN.

O celebre Franklin condemnava em presença d'um ministro inglez o uso de mandar para as colonias os vagabundos e criminosos da metropole; e allegando o ministro a necessidade de livrar delles a Inglaterra respondeu o honrado americano — *E que dirieis vós se pela mesma razão nós mandassemos daqui para os vossos campos uma carregação de cobras de capello, ou de cascavel?* — Todos conhecem Franklin, tanto pelos seus escriptos e descobrimentos physicos, como pelo seu amor da patria, e moral sem mancha, parece por tanto impossivel que um homem tão distincto compozesse para si o seguinte epitaphio, que sendo uma revelação da sua humildade e crença religiosa, é todavia um testemunho de máu gosto pelo estylo e pensamento. "*Aqui repousa, entregue aos vermes, o cadaver de Benjamiu Franklin, impressor, como a capa d'um livro a quem arrancaram as folhas, e apagaram o rotulo e a douradura. Mas nem por isso a obra ficará perdida, porque tornará a apparecer [como elle o cria] em nova, e melhor edição revista e correcta pelo auctor.*"

*Anecdota de Talleyrand.* — Certa senhora pediu a este manhoso diplomatico que pozesse o nome n'um *Album* que ella tinha. Elle com toda a galantaria conveio nisso, e começou a escrever um verso. Esperai, lhe disse a dama; de um homem tal como vós basta o nome: deixai os versos para pessoas menos celebres. O velho raposa, olhou para ella attentamente, e escreveu o nome — mas no alto da folha. No dia seguinte todos riam em París do modo por que elle se havia esquivado á vexação de achar o seu nome assignado n'uma letra de dez ou vinte mil francos.

Bion, philosopho da antiguidade, encontrou um dia certo homem conhecido por muito invejoso, e vendo-o com semblante, que inculcava tristeza, disse para um companheiro: *Ou áquelle sujeito aconteceu algum mal, ou aconteceu algum bem a pessoa que elle conhece.*

#### SEMANARIO HISTORICO.

Annos  
de  
J. C.

15 de Abril.

1547 — Entrada triumphante de D. João de Castro em Gôa, depois de levantado o segundo cerco de Diu. 16

1581 — Os tres estados do reino, reunidos em Thomar, juram rei de Portugal a Philippe 2.<sup>o</sup> de Castella, com o nome de Philippe 1.<sup>o</sup> de Portugal.

1788 — Morre o celebre naturalista Buffon. 17

1534 — O rei de Marrocos tendo posto cerco á nossa praça de Çafim, é obrigado a alevanta-lo, depois de ter soffrido grande estrago.

1790 — Fallece em Philadelphia Benjamin Franklin de idade de 84 annos. 18

1506 — O papa Julio 2.<sup>o</sup> lança a primeira pedra do templo de S. Pedro em Roma.

1553 — Os portuguezes de Ceuta, capitaneados pelo governador D. Pedro de Menezes, saem a campo contra os mouros. Cercados por um numero de inimigos mui superior, são derrotados, ficando mortos no campo mais de 300, e entre elles o mesmo D. Pedro. 19

1560 — Morre Melancton discipulo e companheiro de Luthero na reforma protestante.

1689 — Fallece em Roma a celebre Christina, rainha de Suecia.


1810 — As provincias de Caracas, Cumana, Barinas, Margarita, Barcelona, Merida e Truxillo, na america hespanhola formam um governo federativo, designado com o nome de Federação de Venezuela. 20

1546 — Começa o 1.<sup>o</sup> cerco de Diu, que tão gloriosamente acabou para as armas portuguezas. 21

753 — Antes da era christã, fundou-se a cidade de Roma, e no mesmo dia, 323 annos antes de Christo morreu Alexandre Magno.

1146 — Fallece Egas Moniz, o famoso aio de D. Afonso Henriques. Veja-se o 1.<sup>o</sup> vol. pag. 100.

1699 — Morte do celebre tragico francez João Racine.

 A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis annuncia que da data deste aviso a um mez procederá á cobrança da 5.<sup>a</sup> prestação, e que os S.<sup>res</sup> Accionistas receberão no acto do pagamento os titulos de suas respectivas Acções.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.<sup>o</sup> 55 = 1.<sup>o</sup> andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.